

A CULTURA É O HOMEM: A MASCULINIDADE DA MODERNIDADE EM GEORG SIMMEL

Cecy Bezerra de Melo¹

RESUMO: A investigação sobre a produção de conhecimento é perpassada por debates e tensões desde que a ciência se estabeleceu. Uma das formas mais relevantes dessa análise ocorre através da crítica feminista, onde se produz uma extensa crítica ao sujeito universal masculino, em especial nas discussões que versam sobre a constituição dos cânones. Diversas autoras demonstram que muito se perde ao entender o sujeito como universalmente masculino. No que se refere a essa discussão na Teoria Social, Georg Simmel é um dos intelectuais clássicos com uma produção fundamental sobre cultura e modernidade, mas que apresenta movimentos contraditórios ao teorizar sobre as mulheres. À vista disso, o objetivo deste artigo é analisar como se deu a reflexão de Simmel frente à “questão da mulher”. Foi observado que, para Simmel, há um monopólio masculino da cultura objetiva, visto que o autor aponta que a “natureza feminina” se opõe à cultura, o que omite as mulheres enquanto sujeitos construtores do mundo social. Ao argumentar que “o homem” produz cultura, Simmel não o faz em uma definição universal de humanidade. “O homem” na teoria simmeliana significa fundamentalmente o sujeito masculino e a “natureza feminina” não é percebida como adequada para a produção de cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Georg Simmel; Epistemologia; Gênero.

THE CULTURE IS THE MAN: THE MASCULINITY OF MODERNITY IN GEORG SIMMEL

ABSTRACT: Research on knowledge production has been permeated by debates and tensions since science was established. One of the most relevant forms of this analysis occurs through the feminist critique, where an extensive critique of the universal male subject is produced, especially in the discussions that deal with the constitution of canons. Several authors demonstrate that much is lost when understanding the subject as universally masculine. Concerning this discussion in Social Theory, Georg Simmel is one of the classic intellectuals with a fundamental production on culture and modernity, but who presents contradictory movements when theorizing about women. Because of this, the objective of this article is to analyze how Simmel's reflection on the “women's question” took place. It was observed that, for Simmel, there is a male monopoly of objective culture, since the author points out that “feminine nature” is opposed to culture, which omits women as constructors of the social world. In arguing that “man” produces culture, Simmel does not do so in a universal definition of humanity. “Man” in Simmelian theory fundamentally means the masculine subject and “feminine nature” is not perceived as appropriate for the production of culture.

¹ Doutoranda em Sociologia. Vínculo: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: cecydemelo@gmail.com.

Programa de Pós-Graduação em Filosofia – UNIOESTE – Rua da Faculdade 645. Toledo – PR.
CEP 85.903-000

Email: revistaalamedas@gmail.com

KEYWORDS: Georg Simmel; Epistemology; Gender.

INTRODUÇÃO

A produção dos clássicos da Sociologia sobre o social tem a masculinidade enquanto categoria definidora. O cânone da Sociologia é composto por pensadores homens, o que, por seu turno, significa que as mulheres foram invisibilizadas no seu lugar de pensadoras na Teoria Social Clássica. A contribuição das sociólogas foi ocultada nos objetos e na construção dos conceitos da disciplina. A omissão das mulheres na história documentada da Sociologia não apenas invisibiliza a existência de autoras na Teoria Social, mas também contribui na formação de um discurso sociológico de relatos masculinos que ativamente desprezam as mulheres e sua produção intelectual. As lentes de gênero tendem a afetar a compreensão de fenômenos sociais, pois pessoas distintas localizadas em diferentes espaços sociais possivelmente podem apresentar atenções sociológicas diferentes nas análises de um mesmo fenômeno. Tal configuração abarca a Teoria Social Clássica (ISAKSON, 2020).

Lançar luz sobre essa questão não significa ignorar as contribuições substantivas dos autores clássicos para o pensamento sociológico, mas ler de forma mais atenta as suas obras. Evidenciar essa relação de poder presente na ciência não significa uma exclusão radical de todo conhecimento produzido no cânone, mas promover um movimento acadêmico de incorporação de novas questões de compreensão, ao ampliar o entendimento do mundo social e propor novos esquemas conceituais e possibilidades interpretativas. A resposta da epistemologia feminista a esse cenário é o desenvolvimento de uma crítica social e teórica do conhecimento científico, repensando certas categorias nas ciências ou completando teoricamente com outras (RAGO, 2006).

A produção de Georg Simmel sobre a produção de cultura, principalmente em sua análise sobre a cultura e modernidade, é clássica no pensamento sociológico. Embora, seja também um trabalho bastante rico para analisar a ambivalência do pensar sociológico quando se trata das diferenças entre os sexos. Nesse artigo, pretende-se demonstrar como o pensamento de Simmel é seletivo ao explicar o mundo social frente às questões das mulheres na produção da cultura e, conseqüentemente, sua posição na modernidade.

Para tal, desenvolvo esse artigo em três tópicos, além das considerações finais. No primeiro tópico, é analisada a forma como mulheres são excluídas enquanto intelectuais e objetos de estudo social na Sociologia. Faço tal esforço especialmente no que se refere às concepções de modernidade canônicas, sobretudo, na Teoria Simmeliana. Em seguida, desenvolve-se brevemente um dos conceitos centrais de Simmel: a produção da cultura. Por último, há um esforço em demonstrar como a produção de Simmel sobre cultura exclui as mulheres. O autor argumenta que há uma suposta inaptidão intrínseca feminina para a produção de cultura e, como a consequência dessa análise, o campo social é definido apenas como masculino.

A CONCEPÇÃO SOCIOLÓGICA DA MODERNIDADE: A MASCULINIDADE DOS CÂNONES

A modernidade é um problema sociológico central, que foi exaustivamente trabalhada pelos clássicos. É mais que uma demarcação histórica, é um modo de vida, que representa uma maior agência dos indivíduos. Porém, essa definição moderna de indivíduo ganha certa contradição quando os autores tecem reflexões sobre a posição das mulheres.

Como apontado por Barbara Marshall e Anne Witz (2004), a relação entre a Sociologia e a modernidade nos permite visualizar uma exclusão metafísica das mulheres do social e uma exclusão institucional da mulher da sociedade. A modernidade representa uma série de reconfigurações institucionais, que tem em sua maior forma um aumento da barreira entre as esferas do público e do privado. Esse dualismo está ligado à distinção entre o masculino e o feminino, no qual, o sujeito moderno e político está no espaço público e é masculino. Mesmo com essa sendo uma divisão espacial e de gênero, as diferenças entre homens e mulheres eram apenas vistas como localizadas no espaço privado.

O sujeito moderno trabalhado na Sociologia pode ser entendido, em um primeiro momento, como assexuado. Entretanto, ao utilizar uma expressão que se identifica com o gênero masculino, a ideia que tais produções tendem a passar é que se trata de uma linguagem que corresponde às formas universais da vida humana. Porém, em uma análise mais atenta, percebe-se que diversas produções estão falando da forma de vida masculina

como sinônimo da vida social. Mesmo com os espaços entre público e privado bem demarcados sexualmente, a Sociologia Clássica tende a se debruçar em apenas uma dessas esferas e em um dos gêneros, o que tem consequências para o que é compreendido e definido enquanto mundo moderno.

Isso não significa que não existam menções a personagens femininas na produção sociológica, mas quando elas ocorrem geralmente não é a partir de um olhar sociológico: o que há é um entendimento das mulheres mais ligado à natureza. Essa é uma estratégia que mobiliza o natural para poder delimitar o que é social na teoria da diferença. O que se percebe não é apenas a Sociologia refletindo os sentimentos e as noções que existiam sobre as mulheres em sua época, mas participando ativamente na construção dessas noções. Nesse sentido, Viola Klein (1971) argumenta que há diversos pensamentos ideológicos sobre o personagem feminino e muitos deles são construídos com ajuda do pensamento científico. Em sua tese de doutorado, Klein demonstra diversas concepções do caráter feminino produzidos com ajuda de diversas áreas do conhecimento, inclusive a Sociologia. O ponto da autora é que esses estereótipos femininos influenciam na subjetivação das mulheres.

Anne Witz e Barbara Marshall (2004) definem esse cenário como uma ontologia masculina do social baseada em uma profunda ontologia da diferença. As mulheres são definidas pela sua corporeidade, enquanto os homens são destituídos da sua. Tal processo ocorre no esforço de separação entre corpo e mente, que define o homem como a mente (razão) em um cenário que caracteriza o social como masculino. A interrogação das autoras ocorre em torno de uma preocupação em como mulheres e homens são colocados nesses textos clássicos e como esse movimento tem delineado a reflexão epistemológica na Sociologia. O que Wittz e Marshall (2004) chamam de “ontologia masculina do social” é justamente essa concepção, onde os homens definem e habitam o social. Dessa maneira, esses indivíduos presentes no social dentro da teoria sociológica não são genéricos e sim realmente do gênero masculino. Mesmo com o exílio das mulheres nas definições sociológicas da modernidade, elas estavam contribuindo ativamente nesse período. A presença das mulheres na Teoria Clássica não era mera representatividade, elas somaram, repensaram e expandiram o debate teórico. Mesmo com o ocultamento feminino das definições sociológicas da modernidade, existiam pensadoras contribuindo e ajudando na ascensão da Sociologia nesse período, como Marianne Weber. Tendo isso em vista,

Programa de Pós-Graduação em Filosofia – UNIOESTE – Rua da Faculdade 645. Toledo – PR.

CEP 85.903-000

Email: revistaalamedas@gmail.com

Theresa Wobbe (2004) traça as afinidades entre a Sociologia e o movimento feminista através da relação dos trabalhos de Marianne Weber e Georg Simmel. Tanto Simmel quanto Weber se interessam pela discussão da individualização da modernidade, porém suas interpretações ocorrem de forma diferente. Um tem uma abordagem mais essencialista, a outra tem uma perspectiva feminista do social ligada as reformas sociais e à pesquisa social.

Mesmo com algumas divergências em suas interpretações, Wobbe (2004) defende que a maior afinidade entre Georg Simmel e Marianne Weber é a de que ambos assentaram a questão de gênero e modernidade na agenda sociológica. O debate entre entendimento da mulher enquanto categoria social e a interpretação mais essencialista presente no trabalho dos dois aparece de forma substancial nos debates entre os fundadores da Sociologia e no movimento feminista.

Porém, na síntese desses debates, os pensamentos que tem maior notoriedade na Sociologia clássica são os dos “pais da Sociologia”, que tendem a pensar a mulher de uma forma biologizante. A função em uma Sociologia Feminista é reler os clássicos prestando atenção nas inclusões e exclusões de gênero e como essas posições moldaram o conceito do mundo social. A estratégia de interrogação feminista proposta por Anne Witz e Barbara Marshall (2004) nos mostra que precisamos confrontar o “gênero não pensado” do social, não apenas expondo a masculinidade presente nos textos sociológicos, mas também pensando as formas diferentes em que o gênero pode ser pensado dentro do discurso sociológico. Neste texto se pretende utilizar o “gênero não pensado” na definição da modernidade de Simmel e a distinção categórica entre homem e mulher presente nela.

A DEFINIÇÃO DE CULTURA EM SIMMEL

A cultura, na teoria de Simmel, é a natureza cultivada. A influência humana atua sob um objeto que o faz ultrapassar as suas fronteiras naturais. Esse objeto, ao sofrer a ação do homem, adentra em uma nova categoria e recebe um novo status. O que estava no campo das ideias se coloca na sociedade enquanto objeto. Esse movimento oferece a condição de uma apresentação diferente da cultura objetiva e da cultura pessoal, mas ambas são conteúdo da cultura.

Dessa forma, Simmel representa a cultura em um processo bidimensional. Por um lado, há a cultura objetiva, que se caracteriza pelos objetos que funcionam como instrumentos ou condições de modo de vida, e por outro, existe a cultura subjetiva, representado pelo espírito subjetivo, a personalidade. Esse momento da transformação do espírito em cultura objetiva é o que transforma o indivíduo em ser cultural. Nesse cenário, há um movimento dialético das culturas expresso na objetivação da cultura subjetiva e na subjetivação da cultura objetiva, mais especificamente, ao mesmo tempo em que a cultura subjetiva é necessária para a transformação de um objeto em conteúdo cultural objetivo, ela é também o último resultado da cultivação da cultura.

A objetivação do espírito necessita de uma energia física e psíquica dos produtores, pois as formas são a expressão da vida. Contudo, Simmel argumenta que com a divisão do trabalho decorrente da modernidade, a relação entre forma e vida tem se tornado mais divergente. A especialização atrofia a personalidade, visto que os homens se tornam sujeitos culturais através da objetivação e formando o objeto a sua imagem. Na obra produzida através da divisão do trabalho, a unidade coerente entre o produtor e a obra não existe, nela está apresentada apenas a parcialidade do ser. Esse produto vira, então, uma junção de vários trabalhadores, excedendo todos e virando um produto autodeterminado.

Além de o próprio trabalho ser dispendido do trabalhador, há também a separação desse produtor dos seus meios de produção. Quando o trabalho ocorre com os meios de trabalho do próprio trabalhador, há ainda o trabalho presente na personalidade desse trabalhador, que é separado do produtor apenas quando o produto é posto à venda. Porém, no cenário da modernidade, as condições e o produto do trabalho pertencem a outra pessoa que não é o trabalhador, acentuando cada vez mais o caráter objetivado dessa atividade. A divisão do trabalho também é responsável pela objetivação das relações sociais de consumo, que se expressa em uma padronização dos consumidores ao não conseguir distinguir qualitativamente uns dos outros, limitando-se apenas na quantidade de objetos culturais que eles podem consumir.

A relação fragmentada entre as culturas na modernidade é colocada por Simmel de duas formas: a reificação e a instrumentalização. O desenvolvimento da cultura subjetiva é determinado pela capacidade de o indivíduo interiorizar a cultura objetiva na sua própria vida. A reificação se expressa nas formas culturais que se desenvolvem de

forma mais complexa e vasta, o que, por sua vez, torna-se mais difícil que a cultura seja objetivada. À vista disso, há uma maior dificuldade de interiorização da cultura objetiva na subjetiva. Enquanto que a instrumentalização corresponde ao momento que os instrumentos transcendem suas funções originais e aparecem com status de valores últimos, ao mesmo tempo em que os valores autênticos – que dão significado à vida – são reduzidos a meras técnicas. O papel do dinheiro na cultura moderna é um exemplo central na explicação simmeliana da instrumentalização da cultura. O dinheiro serviria como um instrumento para padronizar valores, mas ele se torna o valor em si, no qual, todos os outros artefatos culturais são definidos por ele.

A circulação do dinheiro é uma das grandes responsáveis pela preponderância do espírito objetivo sobre o espírito subjetivo e essa objetivação da cultura vai se tornando cada vez mais parte da vida cotidiana dos indivíduos modernos. A cultura objetiva se torna autocontida e se autopropaga, como se não tivesse ligação com a vida. Assim, a vida exterior fica cada vez mais objetivada em uma conjuntura que a cultura subjetiva não consegue acompanhar. Esse cenário descrito por Simmel é o da tragédia da cultura, fundamental no pensamento simmeliano, porém é importante frisar que ela não é uma tragédia assexuada e, mais do que isso, ela ocorre paralelamente à tragédia dos sexos.

A ÓTICA SIMMELIANA SOBRE A MULHER NA MODERNIDADE

Por entender a cultura enquanto formada unicamente pelos os homens, a tragédia da modernidade é apenas masculina. O argumento simmeliano é que a arte, a indústria, a ciência, o comércio, o Estado e a religião foram criados pelos homens. Tal fenômeno não ocorre apenas por uma suposta uma escassez da produção feminina nessas áreas, mas em razão da produção cultural na nossa sociedade exigir características do caráter masculino (SIMMEL, 2005).

A cultura é predominante masculina. Os homens se desenvolvem enquanto gênero diferenciado e especializado, que são características necessárias para a produção cultural. Ao passo que as mulheres são unificadas e indiferenciadas. A diferenciação está enraizada na divisão do trabalho, no qual há uma dissociação entre o mundo doméstico e o mundo público. O argumento de Simmel é que o mercado econômico foi ocupado pelos homens, pois foi desenvolvido em um maior processo de racionalização e diferenciação em razão

do caráter masculino. Portanto, na dimensão social, há uma forte conexão do processo de objetivação com o personagem masculino, pois a cultura objetiva é um produto da atividade masculina (SIMMEL, 2005). O que repousa as diferenças entre os gênero na teoria de Simmel é uma pressuposição não social das distinções entre homens e mulheres, elas são categorizadas como diferenças metafísicas.

O entendimento simmeliano sobre a ontologia da experiência humana está comprometido com o fato de que a vida humana não pode ser reduzida a uma única forma. Não se deve julgar a feminilidade a partir do ideal de valor masculino e para evitar que isso ocorra, Simmel adota um dualismo radical entre a masculinidade e a feminilidade, eles são dois tipos únicos, autônomos e incomensuráveis. Ao definir as diferenças entre o caráter masculino e feminino, o autor argumenta que há uma predisposição de um produzir a cultura objetiva e inaptidão de outro. Em primeiro lugar, é argumentado que os homens conseguem desenvolver atividades que não estejam integradas na sua personalidade, enquanto que as mulheres realizam atividades mais homogêneas, no qual, elas têm uma integração mais íntima. Outra característica é que homens têm as condições psicológicas de estar em um ambiente especializado encarando uma cultura objetivada destacada da sua vida, enquanto que para as mulheres falta essa capacidade, porque elas precisam expressar sua personalidade de forma integral, se relacionando de uma forma mais pessoal e inseparável da sua personalidade feminina, de maneira que experienciar a especialização na modernidade iria fragmentar sua própria existência. O ambiente de alta fragmentação da divisão do trabalho não compromete a existência e a personalidade do homem, porque ele consegue diferenciar sua personalidade total das suas relações individuais, podendo se relacionar de forma mais objetiva. Para Simmel, isso também pode ser observado em termos de fidelidade: o homem por ter uma alma diferenciada, é mais propenso a ser infiel, ao contrário da mulher, que tende a ser fiel devido à personalidade unitária (SIMMEL, 1934).

Outro ponto argumentado pelo autor é que as mulheres expressam sua subjetividade de forma espontânea e direta e os homens expressam sua subjetividade de forma mais mediada pelas formas da cultura objetiva. O argumento da grande diferenciação entre os sexos pode ser observado até nas questões de beleza. O ideal feminino é a beleza, que se exprime em uma perfeição que se encerra em si mesma, não se percebendo finalidade. O ideal da masculinidade tem ligação com músculo e força, no

qual se pode perceber uma função, que é a sua utilidade para o trabalho, a capacidade de transcender (SIMMEL, 1934). Portanto, na visão simmeliana, a contribuição dos sexos para vida cultural se desenha na forma de que o homem está sempre se externalizando e produzindo cultura e a mulher provê a harmonia e autocontenção que auxilia o homem a viver melhor nessa realidade de alta fragmentação.

O argumento de Simmel é então que a divisão do trabalho fundamentalmente corresponde com a índole masculina, visto que o caráter do homem consegue desempenhar funções de forma objetiva, sem precisar envolver sua personalidade nela. Na concepção do autor, falta essa índole nas mulheres, pois elas não conseguem realizar as atividades de forma impessoal, ou seja, sem colocar sua personalidade nele, porque sua alma é unidade inseparável (SIMMEL, 1934). Assim, é possível perceber uma oposição radical no pensamento de Simmel entre a cultura e o modo de ser feminino. As mulheres não conseguem realizar criações originais. No máximo, conseguem reproduzir ou adaptar a cultura masculina, ou seja, a visão simmeliana é que a atividade cultural feminina só é eficaz se estiver impregnada de cultura masculina.

O espaço mais próximo de produtividade feminina que a mulher realiza é a casa e a influência que elas exercem sob os homens. A casa é definida por Simmel enquanto “originalidade secundária”, pois ela é uma categoria intermediária entre a produção de algo e a mera repetição, mas o autor identifica nela uma função de equilíbrio fundamental para a sociedade. Simmel argumenta que a existência ocorre em dois papéis. A primeira consiste em vários conteúdos que se encontram e se moldam e a segunda se caracteriza pela soma de todos os mundos, onde cada um tem o mesmo conteúdo vital fazendo parte de uma totalidade. A casa exerce simultaneamente esses dois papéis, ela faz parte de um mundo, mas também é um mundo inteiro, uma forma condensada de existência. A entidade da casa enquanto parte e como todo acontece para os dois sexos, porém, para o homem ela é mais um fragmento de sua vida e para a mulher, ela é a sua vida inteira. A casa pega as duas existências duais da sociedade – os sexos – e canaliza em uma unidade que Simmel define como uma “intimidade sossegada” (SIMMEL, 1934, p. 47), produzindo um lócus de harmonia que alivia a grande fragmentação do resto da sociedade. Nesse espaço, essa essência pertencente naturalmente ao sexo feminino é compartilhada com os homens, o que influencia na produção cultural masculina ao proporcionar um equilíbrio na vida dos homens. O poder cultural da mulher, portanto, é

representado nesse outro indiferenciado, que diminui a complexidade do homem, esse sim, visto como o sujeito moderno. A mulher sustenta o indivíduo em sua experiência debilitante da especialização da modernidade e para cumprir essa função, elas não podem transcender sua essência natural.

A tragédia moderna no pensamento simmeliano é a objetivação da vida que leva à desestabilização do social. Essa tragédia é masculina, pois além do homem ser o sujeito moderno, a cultura foi reificada em uma direção masculina. No entanto, as mulheres começaram a entrar também em um processo de diferenciação, que teve o movimento feminista como um fator crucial. As transformações de gênero decorrente do feminismo são enxergadas por Simmel como algo que faz parte da mudança maior na relação entre cultura objetiva e subjetiva na vida moderna. Por exemplo, com o aumento do individualismo que se opõe ao matrimônio e a industrialização que transfere para fora de casa muitas tarefas domésticas, o valor doméstico na vida das mulheres é diminuído, conseqüentemente, reduzindo sua originalidade secundária e o equilíbrio que elas ofereciam na vida dos homens (SIMMEL, 1934). Posto isso, a visão de Simmel sobre o movimento de mulheres tem a ver com sua preocupação com a tragédia da modernidade, pois os ganhos dessas mulheres serviram para aumentar a complexidade da cultura objetiva, exacerbando ainda mais a fragmentação masculina, em vez de corrigi-la.

Para Simmel, o feminismo se preocupa e caminha em direção à cultura subjetiva, tendo como principal problema do movimento a expansão e enriquecimento da cultura pessoal através do acesso às formas de cultura objetiva, eliminando os constrangimentos. Dessa forma, o movimento propõe às mulheres participarem da cultura objetiva, visando aumentar a sua cultura subjetiva, sem mencionar uma criação de uma cultura objetiva feminina. Ao pensar sobre o movimento feminista, o autor sugere que ele se levante em uma base própria. Para Simmel, o movimento feminista deveria orientar mais mulheres a objetivar o feminino do que repetir uma cultura dita como masculina. A “humanidade independente” que o movimento clama, deveria ser substituída por uma “feminilidade independente”, já que a humanidade é definida em termos masculinos. Para que as mulheres criem uma cultura objetiva e, assim, definam sua forma, é preciso que elas criem novos conteúdos culturais que os homens não possam realizar. Esse é o principal impasse na relação entre o movimento feminista a cultura objetiva. Nenhum dos três modelos de relação entre a mulher e a cultura presente na época de Simmel (modelo de esferas

separadas, modelo liberal e modelo socialista) é aceito pelo pensamento simmeliano, porque ele os percebe enquanto modelos reducionistas, dado que nenhum deles reconhece a autonomia da mulher (SIMMEL, 1934).

A cultura feminina não é vista como uma forma de vida com seus próprios princípios e sim como derivação de outra condição, assim, não existe uma cultura alternativa feminina, mas a forma de vida feminina é uma alternativa à cultura. Não há, aparentemente, uma solução para o problema simmeliano do feminismo, porque a forma de vida feminina não pode ser objetificada sem se transformar em outra coisa.

Posto isso, percebemos de forma mais clara a impossibilidade da correspondência entre a feminilidade e a cultura na visão de Simmel, pois a mulher ou não consegue se expressar em formas culturais ou quando consegue, ocorre uma masculinização do caráter feminino, este último sendo o cenário da modernidade. A possibilidade de uma cultura feminina é negada por Simmel, mas para Guy Oakes (1984) essa posição é inconsistente com a doutrina simmeliana sobre a relação entre a forma e a vida. Por exemplo, a cultura feminina pode ser formada por um conjunto diferente daqueles que definem a cultura masculina. Guy Oakes desenvolve seu argumento sobre a viabilidade da feminilização da cultura utilizando o dilema vivido por Portia, personagem em “*The Merchant of Venice*” (O Mercador de Veneza). Oakes escolhe a experiência dessa personagem especialmente porque ela está no campo da lei, a área da cultura que Simmel entende como a mais resistente à feminilização. Para Simmel, a ideia masculina de justiça é impessoal, independente da moral e das emoções do julgador. Enquanto que a ideia feminina de justiça é empática, irracional e fundamentado nas noções de compaixão e cuidado (SIMMEL, 1934).

No romance, Portia, mesmo dentro de um sistema de justiça masculino, exerce o julgamento moral feminino, utilizando cuidado e compaixão para resolver um conflito. A interpretação de Oakes é que nesse exemplo, houve mais uma objetivação da forma de vida feminina do que a masculinização da mulher. Porém, a feminilização da cultura não soluciona ou responde a maior questão e preocupação de Simmel, que está na sua produção sobre a mulher e a cultura, que é: a cultura feminina pode ser objetivada sem gerar reificação e instrumentalização? Se reificação e instrumentalização são consequências do processo da modernidade, a única solução possível dentro da perspectiva simmeliana é a desmodernização das políticas feministas da cultura. Ou seja,

para resolver o problema simmeliano do feminismo, a feminilização da cultura teria que significar uma desmodernização da cultura. Dessa forma, a reificação da cultura masculina pode ser resolvida até certo ponto pela exclusão das mulheres da objetivação, diminuindo a extensão da cultura objetiva, mas não parece possível pensar a feminilização da cultura dentro do paradigma simmeliano sem cair na dessubjetivação presente na cultura moderna.

CONCLUSÃO

Olhar a produção de Simmel sobre a questão da mulher na modernidade a partir da ferramenta do “gênero não pensado” nos permite pensar criticamente sobre o sujeito moderno na Sociologia. Os homens colocados como sujeitos na teoria simmeliana não são genéricos e sim do gênero masculino.

Simmel se baseia em uma diferença radical entre os sexos ao desenvolver a teoria da cultura para explicar a tragédia da modernidade, no qual, a própria noção de cultura objetiva e subjetiva tem certa relação com o que Simmel pensa enquanto masculino e feminino. A modernidade se caracteriza pela separação do produtor do seu trabalho e dos meios de produção, onde a grande expansão das formas ultrapassa a capacidade de controle do homem que não consegue incorporar essa vasta cultura objetiva em sua cultura subjetiva. Esse desenvolvimento das formas com um distanciamento do seu produtor até alcançar uma autonomia é a reificação da cultura. Entretanto, o que foi enquadrado aqui é que a cultura, na concepção simmeliana, é reificada apenas na direção masculina, exilando as mulheres como produtoras de cultura.

No seu dualismo radical para explicar as condições da produção cultural, Simmel argumenta que a divisão do trabalho tem uma maior relação com o caráter masculino do que o feminino. Os homens são um sexo diferenciado e especializado, enquanto as mulheres são seres unificados e indiferenciados. Dessa forma a alma feminina é incompatível com a cultura, pois a sua unidade não conseguiria se expressar em um ambiente cultural de alta fragmentação. Porém, essa dita natureza autocontida das mulheres tem um função na teoria de Simmel que é promover um *locus* de intimidade e harmonia, que é visto como a única área de produtividade feminina. Os homens são os únicos autores e executores da cultura objetiva, por isso, a tragédia da cultura é masculina.

Ademais, as demandas do movimento feminista viram uma importante questão para Simmel, que o entende enquanto reivindicações que apenas buscam o aperfeiçoamento da cultura subjetiva. Nesse sentido, o autor tece reflexões sobre uma possível a dessubjetivação geral da sociedade moderna e tenta compreender como e se esse aperfeiçoamento da cultura subjetiva, devido ao impacto do movimento feminista, traz algo para a cultura objetiva. Nessa conjuntura, Simmel começa a questionar sobre a existência da possibilidade das mulheres em criar cultura objetiva. No desenvolvimento dessas questões, percebe-se no pensamento simmeliano uma incompatibilidade entre o modo de vida feminino e a forma da cultura. Visto que, para o autor, as mulheres não conseguem produzir cultura ou, se conseguem, é apenas uma repetição do que já é feito pelos homens.

O pensamento de Simmel sobre a questão da mulher na modernidade é paradoxal. Por mais que o autor faça algum esforço em trazer uma dimensão mais social para esse problema, Simmel limita-se a abordar as mulheres com um viés mais metafísico, onde define e limita a mulher pela sua corporeidade. Essa perspectiva faz coro com clássicos da Sociologia que também empregam em suas produções a seguinte dualidade: o homem é a cultura e a mulher é a natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ISAKSSON, A. **Classical Sociology Through the Lens of Gendered Experiences** *Front. Sociol.*, 2020.

KLEIN, V. **The Feminine Character: History of an Ideology**. Illinois: University of Illinois Press, 1971.

OAKES, G. Introduction. In: Guy Oakes (ed). **Georg Simmel: on love, sexuality and woman**. New Have: Yale University Press, 1984.

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, J. M.; GROSSI, M.P. (org). **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006, p.21-42.

SIMMEL, G. A Divisão do Trabalho como Causa da Diferenciação e da Cultura Subjetiva e Objetiva. In: SOUZA, OELZE, B. (org). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Ed. UNB, 2005.

SIMMEL, G. **Cultura Femenina y Otros Ensayos**. Madri: Revista de Occidente, 1934.

WITZ, A.; MARSHALL, B. The Masculinity of the Social: towards a politics of interrogation. In: WITZ, A.; MARSHALL, B. **Engendering the Social: Feminist Encounters with Sociological Theory**. Berkshire: Open University Press, 2004.

WOBBE, Theresa. Elective Affinities: Georg Simmel and Marianne Weber on gender and modernity. In: WITZ, Anne; MARSHALL, Barbara. **Engendering the Social: Feminist Encounters with Sociological Theory**. Berkshire: Open University Press, 2004.